

Coordenadores:

Carla Juscélia de Oliveira Souza

Alícia de Oliveira Moreira Pereira

Geografia Escolar e Educação Geográfica sobre Riscos.

Contribuições teórico-metodológicas no
contexto da formação docente



RISCOS

Associação Portuguesa de Riscos, Prevenção e Segurança
Coimbra, 2026

Geografia Escolar e Educação Geográfica sobre Riscos. Contribuições teórico-metodológicas no contexto da formação docente

reúne dezanove capítulos que, em seu conjunto, expressam a diversidade e a potência das reflexões, pesquisas e práticas educativas desenvolvidas no campo da Educação Geográfica e dos estudos sobre riscos e desastres. Resultado de um esforço coletivo de pesquisadoras e pesquisadores de diferentes instituições, a obra congrega contribuições teórico-conceituais, teórico-metodológicas e didático-pedagógicas que fortalecem o diálogo entre a Geografia Escolar, a Formação Docente e os Estudos Cindínicos.

Os textos apresentados evidenciam a relevância da construção de um olhar geográfico sobre os riscos, ancorado nas categorias e conceitos fundamentais da ciência geográfica, possibilitando a compreensão das dinâmicas socioespaciais que produzem, condicionam e intensificam situações de risco e vulnerabilidade. Ao articular produção acadêmica, experiências formativas e práticas de ensino, o livro amplia as possibilidades de análise e mobilização didático-pedagógica no campo da Educação Geográfica, constituindo-se como uma importante contribuição para pesquisadores(as), professores(as) e estudantes interessados na interface entre Educação Geográfica, Ensino de Geografia, Riscos e Desastres.

Convidamos as leitoras e os leitores a um mergulho teórico e metodológico sobre os riscos a partir da Educação Geográfica, reconhecendo seu potencial para a formação de sujeitos capazes de compreender criticamente os processos socioespaciais contemporâneos.

Carla Juscélia de Oliveira Souza

Universidade Federal de São João del-Rei, GEPEGER (Brasil)
Departamento de Geociências, Programa de Pós-Graduação em Geografia

Alícia de Oliveira Moreira Pereira

Universidade Federal de Goiás, GEPEGER (Brasil)
Instituto de Estudos Socioambientais - IESA



RISCOS

ASSOCIAÇÃO PORTUGUESA
DE RISCOS, PREVENÇÃO
E SEGURANÇA

ESTRUTURAS EDITORIAIS | EDITORIAL STRUCTURES

Estudos Cindínicos

DIRETOR PRINCIPAL | MAIN EDITOR

Luciano Lourenço

RISCOS - Associação Portuguesa de Riscos, Prevenção e Segurança

DIRETORES ADJUNTOS | ASSISTANT EDITORS

António Amaro, Adélia Nunes, António Vieira, Fátima Velez de Castro

RISCOS - Associação Portuguesa de Riscos, Prevenção e Segurança

ASSISTENTE EDITORIAL | EDITORIAL ASSISTANT

Fernando Félix

RISCOS - Associação Portuguesa de Riscos, Prevenção e Segurança

COMISSÃO CIENTÍFICA | EDITORIAL BOARD

Adélia Nunes

Universidade de Coimbra

Antenora Maria da Mata Siqueira

Universidade Federal Fluminense, Brasil

Ana Meira Castro

Instituto Superior de Engenharia do Porto

Carla Juscélia Oliveira Souza

Universidade de São João del Rei, Brasil

António Betâmio de Almeida

Instituto Superior Técnico, Lisboa

Esteban Castro

Universidade de Newcastle, Reino Unido

António Duarte Amaro

Escola Superior de Saúde do Alcoitão

José António Vega

Centro de Investigación Forestal de Lourizán, Espanha

António Vieira

Universidade do Minho

José Arnaez Vadillo

Universidade de La Rioja, Espanha

Cármén Ferreira

Universidade do Porto

Lidia Esther Romero Martín

Universidade Las Palmas de Gran Canaria, Espanha

Fátima Velez de Castro

Universidade de Coimbra

Miguel Castillo Soto

Universidade do Chile

Helena Fernandez

Universidade do Algarve

Montserrat Díaz-Raviña

Inst. Inv. Agrobiológicas de Galicia, Espanha

Humberto Varum

Universidade de Aveiro

Norma Valencio

Universidade Federal de São Carlos, Brasil

José Simão Antunes do Carmo

Universidade de Coimbra

Ricardo Alvarez

Univ. Atlântica, Florida, Estados Unidos da América

Luciano Lourenço

Universidade de Coimbra

Victor Quintanilla

Universidade de Santiago de Chile, Chile

Romero Bandeira

Instituto de Ciências Biomédicas Abel Salazar, Porto

Virginia Araceli García Acosta

CIESAS, México

Tiago Ferreira

Universidade do Minho

Xavier Ubeda Cartaña

Universidade de Barcelona, Espanha

Tomás de Figueiredo

Instituto Politécnico de Bragança

Yvette Veyret

Universidade de Paris X, França

CARLA JUSCÉLIA DE OLIVEIRA SOUZA
ALÍCIA DE OLIVEIRA MOREIRA PEREIRA
(COORDS.)



GEOGRAFIA ESCOLAR E EDUCAÇÃO GEOGRÁFICA SOBRE RISCOS.

**CONTRIBUIÇÕES TEÓRICO-METODOLÓGICAS
NO CONTEXTO DA FORMAÇÃO DOCENTE**

Edição

RISCOS - Associação Portuguesa de Riscos, Prevenção e Segurança

Email: riscos@riscos.pt

URL: <https://www.riscos.pt/publicacoes/sec/>

COORDENAÇÃO EDITORIAL

Carla Juscélia de Oliveira Souza e Alícia de Oliveira Moreira Pereira

IMAGEM DA CAPA

Karine Nieman

PRÉ-IMPRESSÃO

Fernando Félix

ISSN

2184-5727

DOI (Série)

<https://doi.org/10.34037/978-989-54295-1-6>

ISBN Digital

978-989-9053-43-4

DOI

https://doi.org/10.34037/978-989-9053-43-4_20

SUMÁRIO

PREFÁCIO	7
INTRODUÇÃO	9
PARTE I - ENSINO DOS RISCOS E GEOGRAFIA ESCOLAR: PERSPECTIVAS TEÓRICO-CONCEITUAIS	13
Trajetória teórico-conceitual e metodológica do Grupo de Estudos e Pesquisas em Geografia, Educação e Riscos (GEPEGER) Carla Juscélia de Oliveira Souza	15
Espacialidades das juventudes e os riscos sociais: perspectivas e possibilidade de articulação no âmbito do ensino de geografia Alicia de Oliveira Moreira Pereira	55
Percepção de docentes de geografia sobre risco social de discentes LGBTQIAPN+ no espaço escolar Maria Luíza Reimberg da Silva e Adelaine Ellis Carbonar dos Santos	89
Riscos e pensamento sistêmico na perspectiva do ensino de geografia Maria Clara Franco Sousa	109
Paisagens de risco e ensino de geografia: perspectivas a partir da geoeologia das paisagens Lucas Luan Giarola	127
Geografia escolar e risco ambiental: reflexões para uma educação transformadora Celso da Costa Fonte e Mariana Carvalho Silva de Assis Nogueira	141
“Desastres naturais” e o discurso na mídia: contribuições para a geografia escolar Pedro Victor Rocha Guilarduci e Carla Juscélia de Oliveira Souza	161
PARTE II - EDUCAÇÃO GEOGRÁFICA E OS RISCOS SOCIOAMBIENTAIS: PRODUÇÕES ACADÊMICAS E ABORDAGENS DIDÁTICO- -PEDAGÓGICAS	187
Análise da categoria riscos nos trabalhos do eixo ensino de geografia: Simpósio Brasileiro de Geografia Física Aplicada (2003 - 2024) Alicia de Oliveira Moreira Pereira, Júnia Mayra Ramos Cunha e Carla Juscélia de Oliveira Souza	189
Educação geográfica e riscos socioambientais: contribuições da pesquisa acadêmica brasileira Patrícia Pires Ferreira	221

SUMÁRIO

Educação geográfica e a iniciação ao estudo dos riscos: uma experiência no processo de formação Janete Regina de Oliveira, Vitória Conceição Santana da Cruz Reis, Karen N. Furtado Agapito, Danilo Gonçalves Henriques e Felipe Silva Soares	237
Formação inicial de professores de geografia e o ensino dos riscos: percepções sobre o evento extremo de 2024 no Rio Grande do Sul, Brasil Alexandra Luize Spironello e Liz Cristiane Dias	255
Inundações e riscos socioambientais em Goiânia (GO): desafios e reflexões para o ensino de geografia Júlio César Oliveira de Moraes, Isabelle de Cássia Chaves Galvão e Adriana Olívia Alves	279
Impactos socioambientais das terras caídas em municípios da Amazônia Cidiane Figueira Cardoso e Leandro Pansonato Cazula	303
A bacia escola como espaço educacional para redução dos riscos de desastres no cenário de mudanças climáticas Anderson Mululo Sato, André Batista de Negreiros, Julia Marinho Cabral e Thayna Maria Oliveira da Silva	317
Entendimento da espacialidade da paisagem, dos riscos e os componentes físico-naturais em sequência didática Celso da Costa Fonte, Lucas Luan Giarola e Carla Juscélia de Oliveira Souza	339
Riscos socioambientais e escolas: contribuição da geografia da educação numa cidade do sudeste do Brasil Patricia Martinelli, André Barbosa Ribeiro Ferreira e Carlos Eduardo Eugênios ...	367
Paisagem, risco e educação: reflexões a partir do espaço vivido em Bambuí/MG Mariana de Barros Carvalho e Raquel Maria Alves	383
Estudo da paisagem escolar na cidade de Oliveira- MG: contribuições do <i>google earth</i> para análise da dinâmica espacial local e dos riscos Polyanna Cristina dos Reis Romano e Carla Juscélia Oliveira Souza	407
Geografia e riscos: diferentes linguagens no ensino médio de escolas de tempo integral Rafael César Costa Silva	437
CONCLUSÃO	453

PREFÁCIO

No âmbito das múltiplas vertentes que se pretende desenvolver na RISCOS – Associação Portuguesa de Riscos, Prevenção e Segurança – a Educação tem vindo a ganhar destaque. A criação do grupo de trabalho GIER – Grupo de Investigação em Educação para os Riscos – foi uma das ações que veio reforçar esse objetivo, ao colocar em diálogo a Escola e outros Espaços Educativos, a Academia, Operacionais e a Sociedade Civil, na temática das Ciências Cindínicas. Acreditamos que é importante estabelecer contatos com outras redes de pesquisa do mesmo âmbito, em que possa haver troca de experiências pedagógicas, tanto na formação inicial, como na formação contínua docente. Nesse sentido, o GEPEGER – Grupo de Estudos e Pesquisas em Geografia, Educação e Riscos – tem sido um parceiro fundamental para o aprofundamento da investigação na RISCOS, com provadas dadas enquanto referência para a área em causa.

É por isso, com imensa satisfação, que se publica a obra **Geografia Escolar e Educação Geográfica sobre Riscos. Contribuições teórico-metodológicas no contexto da formação docente**, coordenada pela **Doutoranda Alícia Pereira e pela Professora Doutora Carla Juscélia Souza** (Associada da RISCOS), da Universidade Federal de São João del-Rei (Brasil). Os 19 capítulos que compõem o livro, abordam temas de grande pertinência para o ensino dos riscos em contexto escolar/educativo, assim como para o desenvolvimento da educação geográfica na comunidade, focando temas que cruzam o ambiente e a sociedade. Destaque-se ainda a forte componente multiescalar e pluritemática, com a qual as autoras e os autores dos estudos vieram enriquecer a visão sobre as comunidades e os territórios visados nas pesquisas. Por um lado, importa conhecer realidades distintas e específicas daquelas em que a leitora e o leitor vivenciam no quotidiano; por outro, é essencial perceber que o risco, por muito distante que pareça estar, pode estar subtilmente contido no espaço vivido.

Por tudo isto, a RISCOS aposta neste livro como uma obra de grande relevância para o Ensino e a Educação dos Riscos, que vão muito mais além do Brasil, pela aprofundada discussão teórica, metodológica e prática que está patente na investigação, contribuindo para o avanço do estado da arte nas Ciências Cindínicas.

Boa leitura, Coimbra, 26 de junho de 2026

Fátima Velez de Castro

Presidente da Direção da RISCOS

Professora Auxiliar do Depart.º de Geografia e Turismo, Faculdade de Letras da Univ. de Coimbra

INTRODUÇÃO

Carla Juscélia de Oliveira Souza

Universidade Federal de São João del-Rei, GEPEGER (Brasil)
Departamento de Geociências, Programa de Pós-Graduação em Geografia
ORCID: 0000-0002-1426-4790 carlaju@ufsj.edu.br

Alícia de Oliveira Moreira Pereira

Universidade Federal de Goiás, GEPEGER (Brasil)
Instituto de Estudos Socioambientais - IESA
ORCID: 0000-0002-7485-9542 aliciaoliveirapereira@gmail.com

A intensificação dos riscos nas últimas décadas do século XX e a ampliação do número de desastres no início do século XXI, associada aos processos de urbanização desigual, expansão das fronteiras agrícolas e agora fronteiras agropecuárias, alterações climáticas e aprofundamento das desigualdades sociais, em um mundo globalizado e técnico-científico informacional, tem reforçado a temática dos riscos nos estudos geográficos contemporâneos. Nesse contexto, a Geografia assume papel estratégico ao articular natureza e sociedade, espaço e tempo, escalas e atores sociais, possibilitando a compreensão integrada dos processos e fatores produtores de situação de riscos.

No âmbito do ensino dos riscos, a discussão sobre riscos socioambientais ganha relevância formativa ao ser incorporada ao Ensino de Geografia, especialmente como parte do processo para a formação cidadã e para o desenvolvimento do pensamento crítico sobre o espaço geográfico, seja ele o vivido, percebido e ou concebido. Nesse sentido, cabe destacar a necessidade da abordagem de outros riscos também, como o social relacionados à juventude, por exemplo. Pois, na escola, a Educação Geográfica como processo formativo, ao trazer problematizações sobre o espaço vivido, o espaço global/local contribui para que estudantes compreendam as relações entre produção do espaço, vulnerabilidades e desastres, superando visões naturalizantes e fatalistas relacionadas aos desastres, que atingem de modo diferente as pessoas, os grupos, a sociedade.

A compreensão integrada e sistêmica de processos (naturais e sociais) e de fatores (econômicos, culturais, políticos) capazes de gerar condições de perigo e de vulnerabilidade (às pessoas, grupos e ou comunidades) é formação básica inicial, para que se possa aprofundar, então, nas condições dialética das relações sociais e naturais na produção do espaço que se dá de modo dinâmico, assim como se dá a formação de áreas de riscos. Nesse sentido, espera-se que com os conhecimentos construídos na escola, na Geografia Escolar, os(as) estudantes, no futuro próximo ou distante, possam intervir a fim de evitar a geração de novas áreas de risco social e ambiental ou mesmo resistir à possíveis desastres. Desse modo, a Educação Geográfica terá alcançado sua finalidade, deixará de ser um processo para constituir um conhecimento instrumental teórico-prático para a ação, para escolhas, comportamentos e resistências.

A Educação Geográfica se fundamenta na ciência geográfica, em experiências empíricas e científicas articuladas às produções e organizações que ocorrem na Geografia Escolar, que precisa considerar as diferentes realidades sociais, culturais e políticas das escolas e seus contextos geográficos situados. Nessa perspectiva, as discussões presentes nos capítulos que compõem este livro contribuem de forma particular, de cada autora e autor de diferentes regiões brasileiras, para o ensino dos riscos à luz da dimensão da Educação Geográfica e do Ensino de Geografia.

O presente livro é resultado de um trabalho coletivo e colaborativo que marca a edição comemorativa dos dez anos do Grupo de Estudos e Pesquisas em Geografia, Educação e Riscos (GEPEGER), reúne um conjunto expressivo de produções científicas oriundas de reflexões teóricas, de pesquisas acadêmicas, de projetos de investigação e de práticas educativas desenvolvidas por professoras e professores-pesquisadores(as) de diferentes instituições. As contribuições aqui apresentadas dialogam diretamente com as temáticas dos riscos e da Educação Geográfica, ao mesmo tempo em que refletem, fortalecem e ampliam a trajetória de atuação do GEPEGER, oferecendo aportes teórico-metodológicos relevantes para o campo dos estudos sobre riscos e o Ensino de Geografia, especialmente para a formação e trabalho docente.

O livro congrega capítulos que abordam a temática sob distintas perspectivas, contemplando dimensões teórico-metodológicas, teórico-conceituais e pedagógico-didáticas, promovendo um diálogo consistente entre a Educação Geográfica e os estudos cindínicos. Tal articulação é aprofundada no capítulo que abre a obra, de autoria da coordenadora do grupo, Carla Juscélia de Oliveira Souza, intitulado “Trajetória teórico-conceitual e metodológica do Grupo de Estudos e Pesquisas em Geografia, Educação e Riscos (GEPEGER)”, no qual se delineiam os fundamentos epistemológicos e os caminhos teóricos percorridos pelo grupo ao longo de sua trajetória de uma década.

A obra foi organizada em duas partes. A primeira, intitulada “Ensino dos Riscos e Geografia Escolar: perspectivas teórico-conceituais”, concentra-se na discussão dos fundamentos teóricos que sustentam a abordagem dos riscos no contexto da Geografia Escolar. A segunda parte, denominada “Educação Geográfica e os riscos socioambientais: produções acadêmicas e abordagens didático-pedagógicas”, dedica-se à análise de pesquisas, práticas educativas e experiências pedagógicas que articulam a temática dos riscos aos processos de ensino e aprendizagem em Geografia.

O livro é composto por 19 capítulos elaborados por pesquisadores(as), pós-graduandos(as) e professores(as) da educação básica de escolas públicas do Brasil. Reúne contribuições dessas diversas pessoas que passaram pelo Grupo de Estudos e Pesquisas em Geografia, Educação e Riscos (GEPEGER) nos últimos 10 anos.

O livro aborda a temática Riscos na Geografia Escolar e a importância da Educação Geográfica voltada para a redução dos riscos e desastres (EGRRD). Nessa perspectiva, os capítulos se fundamentam na literatura científica sobre Ensino de Geografia, Educação Geográfica, Teoria dos riscos, Educação para os riscos e outras temáticas que subsidiam a discussão. Os resultados de pesquisas e de práticas de ensino e extensão são retomados nos capítulos como referências empírica, científica e estudo aplicado que contribuem com a discussão e a reflexão sobre o tema, a partir da relação teoria e prática no âmbito do tripé Geografia, Riscos e Educação.

Os riscos socioambientais se destacam em número de capítulos e são discutidos por meio da categoria Paisagem e do uso de diferentes linguagens (imagem de

satélite, fotografias, Google Earth, mapeamentos e maquetes). Os riscos sociais são abordados em dois capítulos e contribuem com a discussão dos riscos relacionados com a questão de gênero, jovens escolares e interseccionalidades. Este fato reforça a importância de se considerar essa discussão no âmbito do Ensino de Geografia e dos riscos sociais, para que outros e mais trabalhos possam compor obras futuras, previstas pelo GEPEGER.

Dois capítulos trazem abordagem regional, Amazônica (região Norte) e estado do Rio Grande do Sul (região Sul) do Brasil. Outros seis, fazem referência direta aos estudos dos riscos relacionados ao contexto de quatro cidades no estado de Minas Gerais (Barbacena, Bambuí, Oliveira e São João del-Rei). Um capítulo discute o discurso da mídia sobre os desastres ocorridos em cidade do litoral norte de São Paulo (São Sebastião), outro sobre inundações na cidade de Goiânia e um terceiro no estado do Rio de Janeiro, sobre as medidas de prevenção e segurança em ações na cidade de Angra dos Reis.

Portanto, considerando a importante e rica contribuição das autoras e autores de cada capítulo, que consolidam essa obra, convidamos todas e todos para uma leitura e um mergulho teórico e metodológico sobre riscos a partir da Educação Geográfica no Ensino de Geografia.

PARTE II:

Educação Geográfica e os Riscos Socioambientais:

Produções acadêmicas
e abordagens
didático-pedagógicas

IMPACTOS SOCIOAMBIENTAIS DAS TERRAS CAÍDAS EM MUNICÍPIOS DA AMAZÔNIA SOCIO-ENVIRONMENTAL IMPACTS OF LANDSLIDES IN MUNICIPALITIES IN THE AMAZON

Cidiane Figueira Cardoso

Universidade Federal de São João del-Rei, GEPEGER (Brasil)

Curso de Geografia

ORCID: 0009-0008-4285-3737 cidianecardoso@hotmail.com

Leandro Pansonato Cazula

Universidade Federal do Oeste do Pará (Brasil)

Instituto de Ciências da Educação, Curso de Geografia

ORCID: 0000-0003-2442-3190 leandro.cazula@ufopa.edu.br

Resumo: Este capítulo busca conhecer os impactos do fenômeno das “terras caídas” na Amazônia brasileira na perspectiva do risco socioambiental, destacando sua recorrência em comunidades ribeirinhas entre 2015 e 2025. Embora os moradores historicamente se adaptem às cheias e vazantes dos rios, permanecem expostos a uma série de riscos socioambientais como erosão das margens, que provocam perdas de moradias, áreas produtivas e deslocamentos forçados. A pesquisa é de natureza bibliográfica e abordagem qualitativa e quantitativa. A fundamentação teórica utilizou autores que estudam o tema: Rodrigues (2014); Cruz e filho (2017); Carvalho e Cunha (2011); Magalhães e Vieira (2018); Vale *et al.* (2019), além de relatórios técnicos e artigos jornalísticos. O estudo identifica fatores naturais (dinâmica fluvial, chuvas, solo, clima) e antrópicos (desmatamento, ocupação desordenada, navegação de grande porte) que intensificam o fenômeno. O levantamento aponta 20 localidades afetadas nos Municípios de Manacapuru-AM, Tefé-AM, Santarém PA, Oriximiná-PA, Óbidos-PA, Benjamin Constant-AM, Caorini-AM, Coari-AM, Parintins-AM, Alvarães-AM, Barreirinha-AM,

Fonte Boa-AM. Os impactos vão além da dimensão geológica, pois atinge aspectos sociais, culturais e econômicos das populações ribeirinhas. A pesquisa identificou que as “terras caídas” não são apenas eventos naturais, mas refletem uma complexa interação entre natureza e ação humana, exigindo políticas públicas que levem em consideração as especificidades locais e a vulnerabilidade das comunidades, vilas e municípios às margens dos rios amazônicos.

Palavras-chave: Terras caídas, erosão fluvial, riscos socioambientais.

Abstract: This chapter seeks to understand the impacts of the “land subsidence” phenomenon in the Brazilian Amazon from a socio-environmental risk perspective, highlighting its recurrence in riverside communities between 2015 and 2025. Although residents have historically adapted to river floods and ebb tides, they remain exposed to a range of socio-environmental risks, such as bank erosion, which leads to the loss of homes and productive areas, as well as forced displacement. This study is bibliographic in nature and employs both qualitative and quantitative approaches. The theoretical framework drew on authors who have studied the topic: Rodrigues (2014); Cruz and Filho (2017); Carvalho and Cunha (2011); Magalhães and Vieira (2018); Vale et al. (2019), as well as technical reports and news articles. The study identifies natural factors (river dynamics, rainfall, soil, climate) and anthropogenic factors (deforestation, unplanned land use, large-scale navigation) that intensify the phenomenon. The study identifies 20 affected locations in the municipalities of Manacapuru, Tefé, Santarém, Oriximiná, Óbidos, Benjamin Constant, Caapiranga, Coari, Parintins, Alvarães, Barreirinha, and Fonte Boa. The impacts go beyond the geological dimension, affecting social, cultural, and economic aspects of riverine populations. The research identified that “fallen lands” are not only natural events, but also reflect a complex interaction between nature and human action, requiring public policies that consider the local specifics and the vulnerability of communities, villages, and municipalities along the banks of the Amazonian rivers.

Keywords: Fallen lands, fluvial erosion, socioenvironmental risks.

Introdução

A região amazônica brasileira possui uma vasta rede hidrográfica, como os rios Amazonas, Tapajós, entre outros. Os rios e a vegetação formam a paisagem amazônica e, além disso, fazem parte do modo de vida da população ribeirinha, quilombola e dos povos originários, os quais mantêm relações culturais, de transporte e de subsistência direta com a natureza.

Dentre os locais que compõem o cenário amazônico, a várzea constitui um dos seus recortes mais dinâmicos e imprevisíveis. O termo várzea utilizado neste texto, passou a ter uma conotação regional, mesmo sendo usual na literatura, o termo refere-se à planície de inundação, ou ainda, segundo “*planície aluvial*” (Sioli, 1983).

Desse modo, toda a biodiversidade e as riquezas hidrográficas, bem como a relação entre sociedade e natureza, tornam esses espaços vulneráveis a uma série de riscos naturais, como o desmatamento, as secas, as enchentes fluviais extremas e os processos erosivos. Os desastres se relacionam com a superfície terrestre, seja em estado original ou alterado pelo uso social. Assim, as características do espaço natural são fatores que podem intensificar ou não os danos e a ocorrência de um fenômeno.

Embora a maioria dos eventos elencados acima seja de caráter natural na Amazônia, eles expõem a população que mantém contato direto com a natureza a vários riscos socioambientais, devido à relação com a floresta e os rios.

De acordo com Girão *et al.* (2018), “risco” está relacionado à imprevisibilidade ou à probabilidade de algo acontecer, e a associação do “risco” ao perigo o torna um elemento vinculado a algo ruim, ao dano, a algo severo. Conforme os autores:

“O risco posta-se quando a sociedade é afetada, efetivando um cenário de perigo à saúde, segurança, bem-estar etc. O termo “socioambiental”, frente à relação sociedade-natureza, revela-se como uma abordagem contemporânea para compreender os desafios consolidados da questão ambiental” (Girão *et. al.*, 2018, p. 82).

Nesse contexto colocado pelos autores, é relevante refletir sobre os riscos aos quais os ribeirinhos da Amazônia estão expostos. Embora, historicamente, a população ribeirinha procure se adaptar às variações sazonais de cheias e vazantes, ela permanece vulnerável às consequências provocadas por fenômenos extremos, como o desbarrancamento das margens, conhecido regionalmente como “terras caídas”. Esse fenômeno representa não apenas uma ameaça geológica, mas também uma ruptura social e territorial, pois provoca o deslocamento forçado de pessoas para outros lugares, a perda de moradias e de áreas produtivas, de espaços simbólicos e a destruição comunitária.

Diante desse cenário, será que se trata de um evento natural sobre o qual nada pode ser feito para mitigar seus impactos nas comunidades? E, também, será que as ações antrópicas não estão acelerando esse fenômeno natural?

Este texto possui como objetivo geral analisar o fenômeno das “terras caídas” como expressão do risco socioambiental. Como objetivos específicos, propõe-se: identificar as características, os fatores antrópicos e naturais do fenômeno; mapear as principais comunidades atingidas na região amazônica entre 2015 e 2025 e discutir o fenômeno a partir da perspectiva do risco socioambiental.

A pesquisa realizada adota uma metodologia quantitativa, qualitativa, com ênfase na análise teórica e documental do fenômeno das terras caídas como expressão do risco socioambiental na região amazônica brasileira. A pesquisa é de natureza bibliográfica, pois são utilizadas fontes secundárias para fundamentar a discussão. De acordo com Lima e Miotto (2007), a pesquisa de natureza bibliográfica é relevante na produção de conhecimento científico em temas pouco explorados.

Quanto aos procedimentos metodológicos, foram consultados artigos científicos, livros, dissertações que abordam riscos naturais, erosão fluvial, vulnerabilidade socioambiental e dinâmicas territoriais na Amazônia utilizando a ferramenta de busca *litmaps*. Além disso, foram realizadas consultas a relatórios técnicos de órgãos como CPRM (Serviço Geológico do Brasil), IBGE, Defesa Civil e instituições ambientais, bem como registros jornalísticos e boletins oficiais sobre ocorrências de terras caídas entre 2015 e 2025, com ênfase em episódios críticos de desbarrancamento e seus impactos socioambientais nas comunidades às margens do rio Amazonas e artigos de jornais *on-line*.

Características e fatores naturais e antrópicos do fenômeno das terras caídas

O “Terras caídas” é o termo utilizado regionalmente pelos ribeirinhos da região amazônica brasileira para designar o processo erosivo fluvial, que possui diversos fatores para sua ocorrência. Esse fenômeno ocorre nos rios de água branca, popularmente conhecidos como rios de água barrenta. Essa característica se dá pela alta quantidade de materiais sedimentares. (Cruz e Azevedo Filho, 2017; Freitas e Albuquerque, 2012) Conforme Cruz e Azevedo Filho (2017), os rios de água branca são instáveis, pois suas margens sofrem erosões laterais devido à dinâmica do rio. Para os autores citados, as falhas geológicas presentes na região amazônica podem ser também um dos condicionantes desse fenômeno de terras caídas às margens dos rios.

Segundo Vale *et al.* (2019), terras caídas, além de fazerem parte da dinâmica natural dos rios de planície, são influenciadas por fatores como pressão hidrodinâmica, hidrostática, climáticos, litológicos e neotectônicos, que contribuem para esse tipo de erosão e são intensificados pela ação antrópica. Na região amazônica, ocorre o período sazonal da cheia e da vazante dos rios. O fenômeno das terras caídas ocorre após a vazante, quando o fluxo de água escava a base do talude, causando rupturas nas falésias e promovendo deslizamentos e desmoronamentos das barrancas.

Pode-se considerar como “terras caídas” diversos tipos de movimentos que mobilizam parcelas de solo, com ou sem vegetação, além de outros materiais, como rochas e sedimentos variados, sob a perspectiva de vários processos que apresentam origem, constituição e tempo de ocorrência distintos. Nesse sentido, há uma variabilidade de processos relacionados à erosão fluvial e à movimentação de massa que podem ser incluídos na expressão “terras caídas” (Rodrigues, 2014, p. 14).

Diante do exposto, o autor traz a compreensão dos riscos gerados pelas terras caídas são diversos, na relação espaço e tempo e homem- natureza, pois a dinâmica dos rios, assim também, a intensidade de chuva, vegetação, solo na Amazônia brasileira, são partes da diversidade que podem desencadear as terras caídas. De modo que o autor aponta uma complexidade geomorfológica, destacando que os proces-

tos têm constituições e temporalidades distintas. À vista disso, os riscos associados às terras caídas não ocorrem de forma homogênea, mas depende de fatores físicos naturais (regime hidrológico, chuvas, clima, solo e outros) e interferência humana.

Quanto aos fatores antrópicos, às terras caídas, segundo o Serviço geológico do Brasil (2007); Rodrigues (2014); Cruz e Azevedo Filho (2017); Carvalho e Cunha (2011); Magalhães e Vieira (2018) e outros autores que pesquisam sobre o fenômeno, apontam desmatamento da mata ciliar, pecuária e agricultura extensiva ondas provocadas por embarcações e navios de grande porte, constituição de municípios em áreas propícias ao fenômeno de terras caídas sem planejamento urbano.

Por isso, é preciso reforçar políticas públicas que considerem as especificidades locais, pois, os mais afetados por esse evento natural são as populações ribeirinhas, e municípios às margens dos rios, na Amazônia brasileira, pois a ocorrência do fenômeno, os deixa expostos a uma série de riscos socioambientais, pelo fato, que os ribeirinhos, constroem o seu modo de vida em uma relação intrínseca com os aspectos físicos naturais do lugar.

Riscos socioambientais causados pelas terras caídas entre 2015 e 2025 na região norte

O serviço geológico do Brasil (SGB) tem atuado no mapeamento e monitoramento das terras caídas, deslizamentos e inundações. Desse modo, a lista dos relatórios dos municípios localizados no banco de dados não se trata apenas de terras caídas. Sendo assim, foi consultado outras fontes, como artigos e noticiários a fim de identificar os municípios e comunidades afetadas pelo fenômeno de terras caídas

Assim, foram analisados 17 artigos científicos, 1 dissertação, 8 artigos de jornais *on-line* e base de dados e informações sobre o fenômeno de terras caídas no site do SGB. Assim, selecionamos os municípios e comunidades pesquisadas entre 2015 a 2025, levando em consideração o tempo de publicação. Desse modo, a figura 1 demonstra 11 municípios, que possuem, ao todo, 20 localidades atingidas pelo fenômeno das terras caídas na região amazônica brasileira, identificadas pelo levantamento de dados.

Diante disso, a fig. 1, a seguir, expõe os municípios e comunidades mais afetados pelas terras caídas, que foram localizados no levantamento e encontram-se nos estados do Pará (PA) e Amazonas (AM), sendo 3 no Pará e 17 no estado do Amazonas. Conforme as fontes analisadas, o fenômeno das terras caídas pode destruir áreas de moradias e/ou dos estabelecimentos comunitários das localidades ribeirinhas, podendo chegar, em alguns casos, a assolar comunidades inteiras, fazendo-as mudar de lugar na várzea.



Fig. 1 - Mapa de localização dos municípios com “Terras Caídas” – 2015 a 2025.

Fig. 1 - Location map of municipalities with “Terras Caídas” (fallen lands) – 2015 to 2025.

De acordo com Vale *et. al.* (2019), a comunidade de Fátima do Urucurituba–PA foi praticamente destruída pelo fenômeno, pois 95% das terras da comunidade foram levadas pela água. Conforme os autores, nos últimos 16 anos aumentaram a frequência de grandes cheias, contribuindo assim para mais desastres causados pelas terras caídas.

No estado do Amazonas, segundo o SGB e jornais locais, destacamos dois episódios críticos relacionados ao fenômeno das terras caídas. Na comunidade Terra Preta em 2024 (fig. 2), o desbarrancamento fluvial, deixou 9 pessoas feridas, duas vítimas e levou parte do porto como mostra a figura dois a seguir.

Conforme o relatório do SGB, o evento se deu pela combinação de instabilidade natural do solo, intervenções como aterros sem seleção adequada e o muro de contenção, e descida do nível do rio Solimões (Rio Amazonas).



Fig. 2 - Porto de Terra Preta- Manacapuru–AM, provocado pelo fenômeno de “terras caídas” (Fonte: Oliveira *et al.*, 2024).

Fig. 2 - Port of Terra Preta – Manacapuru (Amazonas), affected by fluvial erosion (“fallen lands” phenomenon) (Source: Oliveira *et al.*, 2024).

Outra comunidade, chamada Coadi, embora não houve registro de fatalidades, o fenômeno aconteceu em 2019, provocou destruição completa da estrutura de “bairro”, construída por ribeirinhos da comunidade, comprometendo, moradias e espaço produtivos, de modo que os moradores precisaram migrar para mais dentro da floresta se afastando da margem (fig. 3 e fig. 4).

Assim, a fig. 3 mostra como estava a paisagem em 2009 e como ficou após a ocorrência das terras caídas em 2022. Nota-se que a comunidade precisou se deslocar da margem para o interior, onde havia uma área similar a um campo de futebol. Nas demais localidades atingidas apresentadas na fig. 1, os noticiários e artigos científicos relatam que pessoas ficaram desabrigadas, feridas, falta de comida, e assistência médica.

À vista disso, Lima e Freire (2018) dizem que migração da população, perdas de terras agricultáveis, perda do patrimônio histórico, mortes, são problemas socioambientais causados pelo fenômeno de terras caídas, atingindo vilas, cidades ribeirinhas ao longo dos anos na Amazônia.

Esses casos enfatizados, evidenciam como os processos erosivos na Amazônia não apenas afetam o território físico, mas também afetam dimensões sociais, culturais, e econômicas das comunidades atingidas. Com isso, a abordagem socioambiental nos



Fig. 3 – Transformação da paisagem na comunidade Coadi (AM)
(Fonte: InfoAmazonia, 2024).

Fig. 3 – Landscape Transformation in the Coadi Community (Amazonas State)
(Source: InfoAmazonia, 2024).

permite ter a compreensão que os desastres não são apenas sobre condições naturais, mas fazem parte de construções sociais que refletem desigualdades históricas.

Esse fato e fenômeno que ocorre na região norte, constitui realidade que faz parte do cotidiano de muitas pessoas que vivem nas margens dos rios, dos povos



Fig. 4 - Comunidade de Coadi (AM) após o fenômeno de terras caídas
(Fonte: Liberal Amazon, 2025b).

Fig. 4 - Coadi Community (Amazonas) after the “fallen lands” phenomenon
(Source: Liberal Amazon, 2025b).

ribeirinhos. Portanto, considerando a importância da educação geográfica referente aos conteúdos fenômenos e dinâmicas naturais e sociais, previstos para a Geografia Escolar, vale ressaltar a relevância do assunto especialmente quando articulado com a questão dos riscos socioambientais. Nesse sentido, cabe à escola a discussão do processo natural e social, como um processo que se torna perigoso quando se considera a possibilidade de perdas materiais, imateriais e de vidas.

Essa discussão e conhecimento constituem aspectos importantes para a proposta de educação para redução dos riscos que se dá por meio de várias ações, entre elas a educação, o conhecimento, a comunicação e os alertas. Nessa perspectiva, a educação geográfica, que articula a relação sociedade e natureza, o estudo integrado da paisagem e dos territórios, pode contribuir para um olhar atento e crítico sobre processos e relações socioespaciais que ocorrem no espaço vivido dos estudantes dessa região.

No campo do Ensino de Geografia é possível encontrar diversas propostas didático-pedagógicas para o estudo e interpretação do espaço geográfico a partir de fenômenos diversos, com atenção para a construção do conhecimento e do raciocínio geográfico como Cavalcanti (2019, 2024), por exemplo. Para aprofundar na discussão sobre o ensino dos riscos pela perspectiva da educação geográfica são indicados os trabalhos de Souza (2013, 2020), Souza e Lourenço (2023), Souza *et al.* (2025) entre outros disponibilizados na página do Grupo de Estudos e Pesquisas em Geografia¹ (GEPEGER) e da Riscos² (Associação Portuguesa de Riscos, Prevenção e Segurança).

Conclusão

A partir das análises dos dados coletados, o processo erosivo fluvial das terras caídas mostra uma complexa interação entre movimentos naturais e ações humanas, pois abrange dimensões naturais, culturais, sociais e territoriais. O levantamento das localidades afetadas pelo fenômeno, evidenciou que embora seja um evento natural na dinâmica dos rios da Amazônia, sua intensificação está ligada à interferência antrópica, como desmatamento das margens, ocupação desordenada, e o tráfego de navegação de grande porte.

Os ribeirinhos conhecem em que período ocorre o fenômeno das terras caídas, por conviverem com as terras caídas há muitos anos, sendo esse tempo de enchente e vazante, um período preocupante para esses indivíduos (Marques, 2017; Cruz e Azevedo Filho, 2017). Sendo que, a perda de moradias, áreas produtivas, espaços simbólicos compromete não apenas a subsistência, mas também a identidade e a coesão social desses grupos. Os episódios registrados em localidades como Fátima do Urucurituba, Terra Preta e Coadi e outros, ilustram com clareza a gravidade dos desastres e a urgência de ações preventivas.

¹ <https://gepeger.wixsite.com/gepeger>

² <https://www.riscos.pt/publicacoes/>

Portanto, é imprescindível que políticas públicas sejam fortalecidas e orientadas por uma abordagem territorial sensível às especificidades locais. O reconhecimento das terras caídas como expressão de risco socioambiental exige estratégias integradas de monitoramento, planejamento urbano, educação ambiental e apoio às populações afetadas. Mais do que mitigar danos, é necessário promover justiça territorial, políticas públicas, investimentos em estudos científicos, pelo fato de serem poucos diante da complexidade do fenômeno das terras caídas, pois existe uma resiliência comunitária dos ribeirinhos frente aos desafios impostos pelas transformações ambientais na Amazônia. Nessa perspectiva, a educação geográfica constitui um processo e conhecimento com potencial formador, importante para a vida das pessoas, especialmente a população ribeirinha e seus jovens, pois a abordagem do fenômeno da **terras caídas** na geografia escolar, vai muito além de explicar como funciona a erosão das margens dos rios, mas pode ser trabalhado como uma oportunidade para que os estudantes entendam de forma prática e próxima à sua realidade os riscos socioambientais que afetam suas comunidades.

Bibliografia

- Carvalho, J. A. L. de, Cunha, S. B. da. (2011). Terras caídas e consequências sociais na Costa do Miracauera, município de Itacoatiara – Amazonas, Brasil. *Revista Geográfica de América Central*, Número Especial EGAL, Costa Rica, v. 2, jul./dez. 2011, p. 1–16. Acedido em 5 setembro de 2025, em <https://www.redalyc.org/pdf/4517/451744820652.pdf>
- Cavalcanti, L. de S. (2019). *Pensar pela Geografia: ensino e relevância social*. Goiânia, GO: C&A Alfa Comunicação.
- Cavalcanti, L. de S. (2024). *Ensinar e aprender Geografia: elementos para uma didática crítica*. Goiânia: C&A, Alfa Comunicações, 2024.
- Cruz, E. T. da, Azevedo Filho, J. D'A M. de (2017). *O fenômeno das terras caídas: uma mudança natural na paisagem e suas implicações aos moradores da comunidade da Barreira do Andirá no município de Barreirinha-AM*. 2017. Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura em Geografia) – Universidade do Estado do Amazonas, Centro de Estudos Superiores de Parintins, Parintins. Acedido em 02 de setembro de 2025, em <https://ri.uea.edu.br/server/api/core/bitstreams/c55da639-b9cf-473b-ab0e-ef6bc29b274a/content>
- Folha de São Paulo. (2025). *Milhares de ribeirinhos da Amazônia estão em risco por erosão e assoreamento de rios*. Ana Bottallo. Acedido em 02 de setembro de 2025, em <https://www1.folha.uol.com.br/ambiente/2025/02/milhares-de-ribeirinhos-da-amazonia-estao-em-risco-por-erosao-e-assoreamento-de-rios.shtml>

Parte II: Educação Geográfica e os Riscos Socioambientais: Produções acadêmicas e abordagens didático-pedagógicas

- Freitas, F. T. de, Albuquerque, Adorea Rebello. Análise temporal sobre as “terras caídas” no Médio Solimões/Coari (AM). (2012). *Mercator*, Fortaleza, v. 11, n. 25, p. 129–140. Acedido em 01 de janeiro de 2026, em: <https://www.redalyc.org/pdf/2736/273624812010.pdf>
- G1-AMAZONAS (2023). ‘Terras caídas’: 29 mil pessoas estão em áreas de risco no AM, aponta CPRM. Por Bianca Fatim e Lane Gusmão. 06/10/2023. Acedido em 08 de setembro de 2025, em <https://g1.globo.com/am/amazonas/noticia/2023/10/06/terras-caidas-29-mil-pessoas-estao-em-areas-de-risco-no-am-aponta-cprm.ghtml>
- Girão, Í. R. F., Rabelo, D. R., Zanella, M. E.. (2018). Análise teórica dos conceitos: Riscos Socioambientais, Vulnerabilidade e Suscetibilidade. *Revista de Geociências do Nordeste*, [S. l.], v. 4, p. 71–83, 2018. Acedido em 5 de setembro de 2025, em <https://periodicos.ufrn.br/revistadoregne/article/view/13273>
- INFOAMAZÔNIA. *Fenômeno das terras caídas engole comunidades inteiras e se agrava devido a eventos climáticos extremos na Amazônia*. Por Jullie Pereira. Acedido em 06 de setembro de 2025, em <https://infoamazonia.org/2024/11/01/fenomeno-das-terras-caidas-engole-comunidades-inteiras-e-se-agrava-devido-a-eventos-climaticos-extremos-na-amazonia>
- LIBERAL AMAZON (2025a). *Erosão e assoreamento deixam ribeirinhos em risco*. Ádria Azevedo | Especial para O Liberal. Acedido em 02 de setembro de 2025, em <https://www.liberalamazon.com/pt-BR/meio-ambiente/news/erosao-e-assoreamento-deixam-ribeirinhos-em-risco>
- LIBERAL AMAZON (2025b). *Adaptação climática: mais que resistir, é transformar*. Ima Vieira. 05/11/2025. Disponível em: <https://www.liberalamazon.com/artigos-de-opiniao-1/news/adaptacao-climatica-mais-que-resistir-e-transformar>, acesso em 14 nov. 2025.
- Lima, J. S., Freire, L. M. (2018). Terras caídas e implicações socioambientais na cidade de Óbidos/PA. In: Simpósio Nacional de Geomorfologia – SINAGEO, 12., 2018, Fortaleza. *Anais [...]*. Fortaleza: União da Geomorfologia Brasileira, 2018. Acedido a 14 de setembro de 2025, em <https://sinageo.org.br/2018/trabalhos/8/8-562-1276.html>
- Lima, T. C. S. & Miotto, R. C. T. (2007). *Procedimentos metodológicos na construção do conhecimento científico: a pesquisa bibliográfica*. Acedido a 02 setembro de 2025, em <https://doi.org/10.1590/s1414-49802007000300004>
- Magalhães, R. C., Vieira, A. F. S. G. (2018). Dinâmica fluvial e processos erosivos em margens ribeirinhas: estudo de caso na Amazônia brasileira. *Revista Brasileira de Geografia Física*, Recife, v. 11, n. 3, p. 773–788, 2018. Acedido a 13 de setembro de 2025, em <https://periodicos.ufpe.br/revistas/rbge/article/view/234354/pdf>
- Marques, R. O.. (2017). *Erosão nas margens do rio Amazonas: o fenômeno das terras caídas e as implicações para a cidade de Parintins-AM*. 2017. Dissertação (Mestrado em Geografia) – Universidade Federal do Amazonas, Manaus.
- Oliveira, M. A. de, Luzardo, R., Souza, A. G. Honorato de, A., E. R. (2024). *Avaliação técnica pós-desastre: Porto da Terra Preta, Manacapuru, AM*. Brasília: Serviço Geológico do Brasil, 2024. Acedido a 14 de setembro de 2025, em <https://rigeo.sgb.gov.br/handle/doc/25070>
- PROJETO COLABORA (2025). *Terras caídas: erosão ameaça cinco mil ribeirinhos em reserva no Amazonas*. Por Agência Bori. Publicada em 20 de fevereiro de 2025. Acedido a 02 de setembro de 2025, em <https://projetcocolabora.com.br/ods13/terras-caidas-erosao-ameaca-cinco-mil-ribeirinhos-em-reserva-no-amazonas/>
- Revista Cenarium. (2024). *Fenômeno das terras caídas no Rio Solimões assusta população*. 14 de setembro de 2024. Acedido a 02 de setembro de 2025, em <https://revistacenarium.com.br/fenomeno-das-terras-caidas-no-rio-solimo-es-assusta-populacao>
- Rodrigues, F. G. de S. (2014). A dinâmica das terras caídas e seus impactos socioambientais. *Revista Geonordeste*, São Cristóvão, ano XXV, n. 3, p. 04–23. Acedido a 01 de janeiro de 2026, em <https://www.scielo.br/j/ambiagua/a/GXqVSYwvQqFNGdFMVztWKkG/abstract?lang=pt>

- SGB – SERVIÇO GEOLÓGICO DO BRASIL. *Apoio a municípios na região Norte do Brasil*. Brasília: SGB, [s.d.]. Acedido a 04 de setembro de 2025, em <https://www.sgb.gov.br/apoio-regiao-norte-brasil>
- Sioli, H. (1985). *Amazônia*. Fundamentos da ecologia da maior região de florestas tropicais. Petrópolis: Vozes.
- Souza, C. J. de O. (2013). Riscos, geografia e educação. In: L. F. Lourenço, M. A. Mateus. (Orgs.). *Riscos naturais, antrópicos e mistos*. Coimbra: Universidade de Coimbra, 1 ed., p. 127-142. Acedido a 10 de janeiro de 2026, em <http://www.uc.pt/>
- Souza, C. J. de O. (2020). Contribuição do conhecimento geográfico para a redução do risco de desastres (RRD): conhecimentos, experiências e ações. In L. Magnoni *et al.* (Orgs.), *Redução do risco de desastres e a resiliência no meio rural e urbano*, São Paulo: Centro Paula Souza, 659–678.
- Souza, C. J. de O., Giarola, L. L., & Araújo, I. S. (2025). Mapeamento da paisagem escolar e o risco socioambiental no espaço urbano. *Territorium - Revista Internacional de Riscos*, 32(1): Processos e Vulnerabilidades Globais, Ameaças/Riscos e Estratégias Locais. Editores: RISCOS - Associação Portuguesa de Riscos, Prevenção e Segurança; IUC - Imprensa da Universidade de Coimbra, e-ISSN: 1647-7723, Coimbra, 5–20. DOI: https://doi.org/10.14195/1647-7723_32-1_1
- Souza, C. J. de O., Lourenço, L. (2023). *Contribuições da geografia para o ensino dos riscos*, volume 10 da série “Riscos e Catástrofes”, 1. ed., Editores: RISCOS - Associação Portuguesa de Riscos, Prevenção e Segurança; IUC - Imprensa da Universidade de Coimbra, ISBN: 978-989-26-2465-5; ISBN Digital: 978-989-26-2466-2, Coimbra, 412 p. DOI: <https://doi.org/10.14195/978-989-26-2466-2>
- Vale, R. S. de, Lima, L. de S., Monte, C., Santana, R. A. (2019). Evidências do fenômeno de terras caídas com grandes cheias na região Oeste do Pará. *Brazilian Journal of Development*, Curitiba, v. 5, n. 6, p. [não informado], 2019. DOI: <https://doi.org/10.34117/bjdv5n6-136>
- Vocativo (2024). *Fenômeno das terras caídas engole comunidades inteiras na Amazônia*. Por Fred Santana. 1 de novembro de 2024. Acedido a 29 de agosto de 2025, em <https://vocativo.com/2024/11/01/fenomeno-das-terras-caidas-engole-comunidades-inteiras-na-amazonia/>

CONCLUSÃO

Alicia de Oliveira Moreira Pereira

Universidade Federal de Goiás, GEPEGER (Brasil)

Instituto de Estudos Socioambientais - IESA

ORCID: 0000-0002-7485-9542 aliciaoliveirapereira@gmail.com

Carla Juscélia de Oliveira Souza

Universidade Federal de São João del-Rei, GEPEGER (Brasil)

Departamento de Geociências, Programa de Pós-Graduação em Geografia

ORCID: 0000-0002-1426-4790 carlaju@ufsj.edu.br

Ao término deste livro, considerando a riqueza das discussões presentes em cada capítulo, é importante retomar alguns elementos que marcam essa obra e possibilita novas reflexões. No que se refere à primeira parte, os capítulos evidenciam contribuições significativas para o campo do Ensino de Geografia, especialmente no âmbito da Geografia Escolar, ao trazerem discussões teórico-conceituais que fortalecem o diálogo entre a abordagem dos riscos, a ciência geográfica e o ensino. Os capítulos que compõem essa seção apresentam elevada densidade teórica, explorando conceitos estruturantes da teoria dos riscos, tais como risco, perigo, vulnerabilidade e crise, articulados aos conceitos, categorias e princípios que integram o estatuto epistemológico da Geografia. Destacam-se, nesse contexto, os conceitos de paisagem, lugar, território e escala geográfica, considerando, inclusive, a dimensão do corpo, o que possibilita a construção de diferentes bases epistemológicas para a compreensão das espacialidades dos riscos. Ademais, essa seção revela a amplitude de perspectivas possíveis para a abordagem dos riscos no Ensino de Geografia, contemplando enfoques socioambientais, sistêmicos, do risco social e dos discursos midiáticos que incidem sobre o contexto escolar.

A dimensão da Educação Geográfica e dos riscos socioambientais, discutida na segunda parte do livro, é desenvolvida com ênfase nos resultados de produções acadêmicas e em abordagens e práticas didático-pedagógicas desenvolvidas

no contexto do ensino, considerando as experiências de diferentes lugares-territórios do Brasil. O elemento central desses trabalhos é a discussão de práticas pedagógicas de caráter crítico e social, práticas que valorizam conceitos, procedimentos e atitudes mobilizadas em situações de ensino que tomam os riscos como tema estruturante. Essas práticas visam à formação de sujeitos capazes de compreender e intervir em suas realidades, em diferentes escalas geográficas. Destaca-se, ainda, a diversidade de contextos geográficos analisados, como cidades do Rio Grande do Sul, Goiânia, regiões da Amazônia e dos estados do Rio de Janeiro e de Minas Gerais, evidenciando situações de risco e possibilidades de abordagem da temática no contexto geográfico e escolar de um Brasil diverso, cujas regiões (com condições socioeconômicas, culturais, políticas, naturais e históricas específicas) apresentam questões de riscos comuns com desastres particulares a suas realidades.

Da relevância das contribuições apresentadas é possível e fundamental sintetizar os principais aportes teórico-metodológicos do livro, identificados e concebidos pelas organizadoras em três eixos centrais, a saber:

- (I) Contribuições teórico-conceituais para a compreensão das espacialidades dos riscos;
- (II) Contribuições da abordagem dos riscos no Ensino de Geografia; e
- (III) A defesa de uma Educação Geográfica voltada à redução de riscos e desastres (EGRRD).

No que diz respeito às contribuições teórico-conceituais, destaca-se a importância da construção de um olhar geográfico sobre os fenômenos associados às situações de risco, fundamentado nas categorias analíticas e metodológicas da ciência geográfica e articulado aos conceitos estruturantes da teoria dos riscos. Pensar a espacialidade dos riscos implica, portanto, ancorar essa abordagem nos conceitos de paisagem, lugar, território e escala geográfica, os quais subsidiam análises e interpretações capazes de apreender a complexidade das dinâmicas socioespaciais que produzem e intensificam situações de riscos e vulnerabilidades.

Nessa perspectiva e discussão, ao articular as espacialidades dos riscos com as finalidades, objetivos e conteúdos do Ensino de Geografia, cabe refletir o quanto essa abordagem se configura como um tema potente para compreender

fatos e fenômenos geográficos a partir da integração entre as dimensões natural e social. Tendo em vista essa potencialidade, pode-se explicitar, sob uma perspectiva geográfica, as contradições, desigualdades e relações socioespaciais que conformam o espaço geográfico, abrindo caminho para o desenvolvimento de práticas didático-pedagógicas que aproximem os conteúdos escolares das realidades vividas pelos estudantes.

Nesse sentido, a abordagem dos riscos contribui para o desenvolvimento do pensamento geográfico, entendido como a capacidade de analisar a realidade sob uma perspectiva geográfica crítica, conforme defendido pela Didática Crítica da Geografia, cuja referência central é a professora Lana de Souza Cavalcanti.

Por fim, considerando a trajetória de estudos, pesquisas e práticas educativas desenvolvidas ao longo dessa década no âmbito do GEPEGER, bem como as intensas discussões teórico-metodológicas que articulam riscos, Geografia e Ensino de Geografia, reafirma-se a defesa de uma Educação Geográfica voltada à redução dos riscos e desastres. Essa Educação Geográfica é compreendida tanto como finalidade quanto como processo, integrando elementos teóricos, metodológicos, práticos e de conteúdos geográficos que sustentam uma práxis comprometida com a leitura crítica do espaço e com a ação socialmente referenciada. Ao considerar a dimensão dos riscos, a Educação Geográfica contribui para o desenvolvimento de práticas individuais e coletivas de caráter crítico e social, voltadas à problematização das desigualdades socioespaciais que produzem situações de risco, bem como à construção de ações de resistência e enfrentamento dessas realidades.

Portanto, este livro reafirma a relevância social do Ensino de Geografia que, ao integrar a perspectiva dos riscos, potencializa uma leitura mais complexa, crítica e integrada da realidade. Ao defender práticas pedagógicas que reconheçam os processos sociais e espaciais envolvidos na produção dos riscos, a obra contribui para a discussão teórico-metodológica de uma Educação Geográfica comprometida com a justiça social e espacial, ampliando o papel da Geografia Escolar como campo de conhecimento capaz de dialogar com as demandas contemporâneas e de contribuir para a formação de sujeitos críticos, ativos e socialmente referenciados.

SÉRIE ESTUDOS CINDÍNICOS

Títulos Publicados:

- 1 *Incêndios em Estruturas. Aprender com o Passado;*
- 2 *Educação para a Redução dos Riscos;*
- 3 *Metodologia de Análise de Riscos através de Estudos de Casos;*
- 4 *Riscos Hidrometeorológicos;*
- 5 *Pluralidade na Diversidade de Riscos;*
- 6 *Risco Sísmico - Aprender com o Passado;*
- 7 *Territórios em Risco;*
- 8 *Resiliência ao Risco;*
- 9 *Madeira Região Resiliente. Aprender com o Passado;*
- 10 *Risco de Cheias e Risco de Inundações Fluviais. Aprender com o Passado;*
- 11 *Análise e Modelação de Risco no Ordenamento do Território;*
- 12 *Perceção e Planeamento na Redução e Gestão do Risco de Catástrofes;*
- 13 *As Paisagens dos Riscos Sociais. Educar para diminuir a Vulnerabilidade;*
- 14 *Educação para o Risco: Práticas e Projetos;*
- 15 *Riscos, Proteção Civil e Cultura de Segurança: Discursos e Práticas no Portugal Democrático;*
- 16 *Risco de Movimentos em Vertentes. Aprender com o Passado,*
- 17 *Riscos e Saúde: Perspectivas Globais e Respostas Locais;*
- 18 *Riscos, Ambiente e Proteção Civil: uma Perspetiva Tecnológica;*
- 19 *Riscos, Água e Sociedade. Dinâmicas Socioambientais em Contextos de Incerteza;*
- 20 *Geografia Escolar e Educação Geográfica sobre Riscos e Desastres. Contribuições Teórico-Metodológicas, Práticas no Ensino de Geografia e na Formação Docente*

Tomos em preparação:

- 21 *Geografia dos Incêndios Florestais. 50 anos de Incêndios a queimar Portugal;*
- 22 *Efeitos dos Incêndios Florestais nos Solos de Portugal;*
- 23 *Floresta, Incêndios e Educação;*
- 24 *Redução do Risco e Educação.*



Alícia de Oliveira Moreira Pereira é Graduada e Mestre em Geografia pela Universidade Federal de São João del-Rei. Atualmente, cursa o Doutorado em Geografia, na linha de pesquisa “Ensino-Aprendizagem em Geografia”, pelo Programa de Pós-Graduação em Geografia (PPGeo), no Instituto de Estudos Socioambientais da Universidade Federal de Goiás (IIESA/UFG).

É integrante do Laboratório de Estudos e Pesquisas em Educação Geográfica (LEPEG/UFG). Pesquisadora vinculada ao Grupo de Estudos e Pesquisas em Geografia, Educação e Riscos (GEPEGER - UFSJ). Participa do grupo de estudos Núcleo de Pesquisa em Ensino de Cidade (NUPEC), da Rede Colaborativa de Ensino de Cidade e Cidades (RECCI) e coordena o Grupo de Estudos em Juventudes e Ensino de Geografia (JUVEGEO). Membro associada do Núcleo de Ensino e Pesquisa em Educação Geográfica - NEPEG, no qual coordena o GT3 - Temas e conteúdos no Ensino de Geografia.

Realiza reflexões e pesquisas na área do Ensino de Geografia e da Didática da Geografia, com ênfase nos seguintes temas: (I) Juventudes e jovens escolares no contexto do ensino de Geografia; (II) Vivências, afetos e emoções na Teoria Histórico-Cultural; (III) Educação Geográfica e riscos sociais; e (IV) Ensino de Geografia, marcadores da diferença e perspectivas interseccionais.



Carla Juscélia de Oliveira Souza é Doutora (2009), Mestre (1995) e Graduada (1988) em Geografia pela Universidade Federal de Minas Gerais. Pós-doutoranda em Ensino de Geografia e Riscos pela Universidade de Coimbra (2025-2026). Professora Associada do Departamento de Geociências e dos Programas de Pós-Graduação em

Geografia da Universidade Federal de São João del-Rei (UFSJ) e da Universidade Federal de Viçosa (UFV).

Líder do Grupo de Estudos e Pesquisas em Geografia, Educação e Riscos (GEPEGER). Membro da Associação Portuguesa de Riscos, Prevenção e Segurança (RISCOS), integrante do Grupo de Investigação em Educação para os Riscos (GIER), pesquisadora vinculada ao Núcleo de Ensino e Pesquisa em Geografia (NEPEG), ao Grupo de Estudos de Cartografia para Escolas (GECE) e à Rede de Pesquisa em Cartografia Escolar.

Coordena projetos de pesquisa e extensão nas áreas: Ensino de Geografia, Cartografia Escolar, Geografia Física, Riscos socioambientais. Investiga temas relacionados à Educação geográfica e riscos; à Geoecologia da paisagem escolar e ao Ensino de Geografia e componentes físico-naturais. É coordenadora do Projeto de Pesquisa Educação para o risco: conhecimento e contribuição de professores de geografia para o tema riscos em escolas públicas de Minas Gerais.

Trabalhou como professora de Geografia do Ensino Fundamental II na Rede Municipal de Ensino de Belo Horizonte, foi consultora na Secretária Estadual de Educação de Minas Gerais e consultora na área ambiental, elaborando Estudos e Relatórios de Impactos Ambientais



RISCOS

ASSOCIAÇÃO PORTUGUESA
DE RISCOS, PREVENÇÃO
E SEGURANÇA



estudos
CINDÍNICOS